

*Handwritten signature*

Ao  
 Superintendente dos Serviços do  
 Pessoal da Armada  
 do  
 capitão - de - fragata RAA António Seixas Louçã

De harmonia com o solicitado na nota de 7 de Junho de 1977 do Conselho Superior de Disciplina da Armada e em complemento do requerimento de 13 de Maio de 1977, dirigido ao chefe do Estado - Maior da Armada, para que fosse submetida à apreciação daquele Conselho a conduta do signatário como comandante da fragata "Almirante Gago Coutinho" no dia 25 de Abril de 1974, apresenta-se o seguinte:

I

As interpretações noticiadas por órgãos de grande divulgação sobre o ocorrido na fragata "Almirante Gago Coutinho" em 25 de Abril de 1974 e apresentadas em Anexo a esta nota, permitiram a possível extração das seguintes ilações pela opinião pública - e mesmo dentro da própria Armada:

1. O imediato teria informado o comandante que a Arma da se havia comprometido com o Exército em manter uma neutralidade activa.

2. Ao comandante teria sido dado conhecimento pelo imediato de uma eventual posição dos oficiais quanto a ordens de fogo para o Terreiro do Paço.

3. O comandante teria recebido ordem para bombardear o Terreiro do Paço.

4. A "Gago Coutinho" teria apontado as peças para o Terreiro do Paço.

5. O comandante teria dado ordem de fogo sobre o terreiro do Paço (ou, noutras versões, ordem para ser feito fogo de munições de exercício para o ar).

6. A guarnição, nomeadamente o imediato, teria recusado obedecer a ordens do comandante para fazer fogo.

7. O comandante teria tentado em vão fazer cumprir as ordens de fogo.

8. O comandante teria sido informado que se fizesse

*[Handwritten signature]*

fogo e fragata seria bombardeada.

9. Todos os oficiais ter-se-iam escusado, um a um, a substituir o imediato no seu cargo, tendo sido por isso acusados de insubordinação.

II

Relativamente às notícias referidas em Anexo, reagiu o ora requerente como lhe cumpria, expondo-as e participando-as às autoridades competentes e que tinham por dever empregar os meios conducentes a exigir responsabilidades, para que actuassem por forma a repor e esclarecer a verdade dos factos. Essas sucessivas exposições e participações, a primeira das quais teve lugar em 27/5/74 após a divulgação da primeira falsa versão, surgida no Diário de Lisboa desse mesmo mês e a que se seguiram outras, não obtiveram qualquer êxito, apesar da gravidade do assunto e da razão que assistia ao signatário.

É a atitude das entidades responsáveis continuou a ser do mais completo silêncio, não obstante a primeira notícia citar que um oficial da Marinha de Guerra ligado ao Movimento teria confirmado ao jornalista a sucessão dos acontecimentos relatados e que este teria verificado directamente a documentação existente.

Dois anos mais tarde o signatário teve acesso pela

primeira vez, ao "relatório" com que o comodoro Abel de Oliveira Neves - então Comandante Naval do Continente e Comandante Operacional do navio - finalizou aquilo que o comodoro Neves Pestana, encarregado de elaborar uma informação sobre os acontecimentos a bordo da fragata, afirmara ao signatário, em 27 ou 28 de Abril de 1977, em resposta a pergunta concreta, não ser um "auto de averiguações", mas sim apenas uma "informação urgente." pôde então verificar como esse "relatório", cheio de conclusões falseadas, coincidia com a história narrada pelo Diário de Lisboa e tornou-se-lhe claro e evidente qual havia sido a "fonte" das notícias propagadas e a documentação a que se referia o jornalista.

### III

São pois os seguintes os factos que se submetem à apreciação do Conselho Superior de Disciplina de Armada:

Facto 1: São feitas as óbvias ilacções apresentadas em I e que são notóriamente deduzíveis das interpretações transcritas em Anexo.

Facto 2: A opinião pública foi mal formada sobre a realidade do acontecido na fragata "Almirante Gago Coutinho" em 25 de Abril de 1974, e sobre

a actuação do respectivo comandante, devido às interpretações apresentado em Anexo.

Facto 3: A Armada manteve uma atitude omissiva, não reagindo contra a publicidade dada a tais notícias - ou até contribuiu para a sua divulgação - o que possibilita o aparecimento de novas notícias, de teor das anteriores, já sedimentadas e consolidadas pela aparente aceitação deduzida de silêncio das autoridades responsáveis. Como consequência começaram a aparecer documentos que as reproduzem e que pretendem ser qualificadas como fontes históricas, e têm sido já efectivamente aceites como tais, até pela própria Revista da Armada, com todos os inconvenientes para a "imagem" do requerente perante a generalidade das pessoas e mesmo dentro da Corporação a que pertence.

Facto 4: O comportamento do comandante da fragata "Almirante Gago Coutinho" foi o mais correcto e digno que um oficial da Armada, estruturalmente democrata, poderia ter adoptado face às circunstâncias que rodearam a sua acção, nomeadamente dado o facto de não lhe ter sido dado co

reconhecimento da existência e objectivos do movimento em curso.

Lisboa, 24 de Junho de 1977

ANTÓNIO SEIXAS LOUÇÃ

capitão - de - fragata RAA

4  
C-121

A N E X O

Interpretações sobre o ocorrido na  
fragata "Almirante Gago Coutinho" em 25 de  
Abril de 1974:

1 - Em 10/5/74, subordinado ao título "DE COMO SE TERÁ EVITADO A GUERRA CIVIL", publicou o Diário de Lisboa, na primeira página, com grande destaque, um artigo em que se afirmava:

..."Sabíamos a sucessão dos acontecimentos, mas só agora a divulgamos, após confirmação de pessoa ligada ao Movimento e de verificarmos directamente a documentação existente.

Essa confirmação foi-nos feita por um oficial da Marinha de Guerra, e não temos mais dúvidas quanto à sua veracidade"....

..."A ordem de fogo, deve dizer-se, dizia respeito a "munições de exercício" e "para o ar". Mas a guarnição recusou-se a obedecê-la. Dessa decisão deu parte o oficial imediato que foi exonerado do seu cargo pelo comandante. E todos os outros oficiais recusaram-se a preencher o lugar. Em face disso, o comandante acusou-os de insubordinação. De qualquer modo as pe-

ças foram colocadas na posição de segurança e o navio fez-se novamente ao largo. Estes são os factos"...

2 - No artigo intitulado "Subsídios para a história da revolução de 25 de Abril. PARA EVITAR UMA NOVA ÍNDIA", no Diário de Lisboa de 12 de Maio de 1974, afirmava-se:

...."Na edição de anteontem, o nosso camarada Armando Pereira da Silva descreveu, já, o importante episódio da fragata "Gago Coutinho" que constitui um documento importantíssimo pois revela até que ponto a revolução esteve em perigo: se o imediato não tivesse recusado a cumprir a ordem do comandante e tivesse feito fogo pesado sobre o Terreiro do Paço?"...

3 - Do livro "O MOVIMENTO DOS CAPITÃES E O 25 DE ABRIL. 229 DIAS PARA DERRUBAR O FASCISMO", a páginas 39, consta:

..."Mais tarde -(Marcelo Caetano)- ordenou directamente à fragata "Gago Coutinho" - que deixara, poucos momentos antes, a esquadra da NATO, onde esteve integrada - que bombardeasse o Terreiro do Paço. O major Oteló Saraiva de Carvalho interceptou a ordem e telefonou ao comandante Almada Contreiras, das comunicações da Marinha, dizendo-lhe que, caso a fragata abrisse fogo, seria afundada. A fragata não disparou"...

4 - Da página "Bibliografia", da Revista da Armada nº 41 de Fevereiro de 1975, referindo-se ao livro anteriormente citado, comenta-se:

... "De todos os livros dedicados até agora ao 25 de Abril este é sem dúvida o de maior interesse para a análise histórica do Movimento e da época em que nos situamos"....

5 - No jornal "Tempo", de 11 de Dezembro de 1975, aparece transcrita a passagem do mesmo livro aqui referida em 3, apresentada na coluna Horizonte, a páginas 2, como extrato do livro "Portugal, um salto no escuro".

6 - Do livro "ORIGENS E EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO DE CAPITÃES", consta:

a páginas 329:

... "Ao fim da manhã uma fragata "F-473" efectuou diversas manobras no Tejo e como não sabíamos de que "lado" estava, por precaução, um dos obuses, do centro, fez pontaria para tiro directo, para o que desse e viesse"...

a páginas 331:

"1 - Os oficiais do Movimento, a bordo deste navio, estavam a par do desenrolar dos acontecimentos"...

"3 - Quando o navio chegou frente ao Terreiro do Pa-

go onde então se encontravam já os carros de combate da E.P.C. o imediato do navio, 1.<sup>a</sup> tenente Caldeira Santos, comunicou ao comandante, capitão-de-fragata Seixas Louçã, que a Armada se havia comprometido com o exército em manter uma neutralidade activa, pelo que não seriam cumpridas ordens de abrir fogo sobre as Forças do Exército, ligadas ao MOVIMENTO".

"4 - Entretanto o Vice-Chefe do E.M.A., almirante Jaime Lopes, deu ordem por fonia, do E.M.A. para o comandante da fragata abrir fogo sobre os carros de combate "rebeldes" que estavam no Terreiro do Paço".

"5 - Este último, conhecedor da posição dos oficiais, informou o Vice-Chefe do E.M.A. que não podia fazer fogo porque havia Cacilhas de permeio e pessoas no Terreiro do Paço, dando ordem de máxima elevação às peças".

"9 - Passado algum tempo o almirante chefe do E.M.A. almirante Ferreira de Almeida, deu ordens para o navio, no sentido de este efectuar tiros de salvas".

"10 - Enquanto o comandante da fragata tentava em vão fazer cumprir as ordens, foi recebida na fragata, por fonia, uma ordem do Movimento, dirigida ao oficial imediato, mandando o navio sair a barra".

"11 - Vendo os seus esforços baldados, logo tentou en tretanto, o comandante nomear novo imediato; um a um

Coutinho

porém, os oficiais designados negaram-se a aceitar o cargo, assim como reafirmaram categoricamente a sua determinação na recusa em abrir fogo".

"1. - Cerca das 12 horas o navio afastou-se finalmente do Terreiro do Paço, indo fundear no Mar da Palha, frente ao Alfeite".

7 - Na exposição oficial comemorativa do terceiro aniversário do 25 de Abril, da Secretaria do Estado da Comunicação Social, apareceu a seguinte legenda a ilustrar uma fotografia da fragata "Gago Coutinho", com as peças em elevação máxima:

"EM FRENTE AO TEJO.

Tropas do MFA ocupam posições na zona do Terreiro do Paço.

Ao largo,

ameaçadora,

uma fragata da Marinha

de guerra.

Os oficiais recebem

do comandante,

ordem para abrir fogo

mas recusam-se a

obedecer.

Momentos de grande tensão

e, finalmente, a fragata

afasta-se".

8 - Sob a forma de artigo baseado em aparente entrevista anterior dada por Otelo Saraiva de Carvalho, escreveu-se:

... "Otelo recebe a indicação de que sobre o estuário do Tejo uma fragata da Marinha .... Salgueiro Maia é avisado e Otelo, apanhado de surpresa, pede-lhe para tentar esconder os blindados, que estão a céu aberto, debaixo das arcadas do Terreiro do Paço.

Maia responde que não é possível e a fragata está à vista da praça, com possibilidade de fazer tiro sobre os blindados da B.P. de Cavalaria....

... A bateria recebe instruções para calcular elementos de tiro dirigidos à fragata que está a subir o estuário do Tejo. Através das comunicações da Marinha é explicado ao comando da fragata a situação que se desenrola e avisado que tem sobre si seis bombas de fogo. O pessoal da fragata garante que não ataca, por decisão de praças e jovens oficiais reunidos em plenário de bordo"....

9 - No Diário de Lisboa de 25 de Abril de 1977 sob o título "DEPOIMENTOS SOBRE O 25 DE ABRIL", lia-se:

.... "Mais tarde, quando o "Gago Coutinho" apontou os canhões para a praça percebi, pela primeira vez, que

out let

o Terreiro do Paço era vulnerável. Até aí sentira-me seguro...

passei alguns momentos de ansiedade durante os quais me pareceu que o "Gago Coutinho" se utilizara de mim - de mim, pessoalmente - para assestar os canhões"...

10 - "O Jornal" de 13 de Maio de 1977 publicava um artigo intitulado "O 25 DE ABRIL NO POSTO DE COMANDO DA PONTINHA", em que se afirmava:

... "fazendo saber que se abrissem fogo seriam afundadas por aquela bateria da EPA de Vendas Novas. Ao mesmo tempo Vitor Crespo tenta dissuadir o EMA, com esse e outros argumentos, de mandar alvejar o Terreiro do Paço, o que seria pelo menos trágico. Mas o facto é que tais ordens de atirar, foram mesmo dadas ao comandante do navio, capitão-de-fragata Seixas Louçã, que queria cumpri-las. Porém o imediato do barco 1º tenente Caldeira dos Santos tendo já conhecimento da situação, recusou-se a fazê-lo, depois de ter dito que as peças estavam avariadas, e na sua atitude viria a ser apoiado pelos outros oficiais e tripulação. E só cerca do meio dia, após mais uma série de contactos do PC da Pontinha, através do seu homem da Armada, com o EMA, e com o próprio "Gago Coutinho", pelas vias já citadas, o navio saiu do Terreiro do

Paço, indo fundear em frente ao Alfeite".....